

A FORMAÇÃO DOCENTE E A DOCÊNCIA COMPARTILHADA: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS

Marli Araújo Teixeira¹

Maria de Fátima P. Carvalho²

Fernanda Teixeira Melo³

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo compartilhar momentos vivenciados no Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas do curso de Pedagogia da UNEB/Campus XII, vinculado ao Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID), numa turma do 5º período da Educação Infantil, na Escola Municipal Vereador João Farias Cotrim, da Rede Pública de Ensino de Guanambi-Ba. Neste sentido, serão abordadas algumas reflexões sobre as aprendizagens adquiridas no contexto da realidade do ambiente escolar, embasadas teoricamente em autores como Brasil (1998), Leal (2004), Scolaro (2010), Tardif (2010), entre outros, discutidos no grupo de estudos realizado na Universidade, com a orientação das coordenadoras de área e supervisoras do referido subprojeto. Deste modo, relataremos algumas atividades efetivadas durante o período de iniciação à docência, por meio da docência compartilhada, para explanar a importância da mesma nesse processo de formação enquanto docente. Para a metodologia deste trabalho, utilizamos a observação diagnóstica e investigativa, que possibilitou um universo amplamente reflexivo no que se refere à construção da identidade docente e os desafios enfrentados no campo da profissionalização. E por se tratar da área infantil, salientamos que expandiu ainda mais essas reflexões, pois como sabemos o professor da Educação Infantil, é um profissional que lida com muitas especificidades e desafios na sua prática educativa. Outro aspecto fundamental diz respeito à criticidade para com a teoria e a prática, no sentido de buscar sempre um ensino significativo e eficaz para atender e suprir as demandas que a educação exige, e que os professores em geral devem estar aptos e habilitados para lidar com estas questões.

Palavras-chave: Docência compartilhada. Educação infantil. Prática Pedagógica. Formação Inicial.

1 Introdução

¹ Discente do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XII; Bolsista de ID do Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas/PIBID/UNEB. marlier5@hotmail.com

² Docente da Universidade do Estado da Bahia – Campus XII; Membro do grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire – NEPE; Coordenadora de área do Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas; Bolsista da Capes; Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Guanambi. F13carvalho@hotmail.com.

³ Discente do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XII; Bolsista de ID do Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas/PIBID/UNEB. nandamelo15@hotmail.com.

O PIBID-UNEB/CAMPUS XII, por meio do Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas visa à articulação entre atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas na Universidade, com vistas a promover a iniciação à docência aos licenciandos do curso de Pedagogia em sua formação inicial, que teve como proposta no ano de 2014 o trabalho colaborativo da docência compartilhada. Para isso, houve-se a necessidade de fazer a observação diagnóstica e investigativa, e logo depois a intervenção pedagógica, por meio das atividades desenvolvidas pelos bolsistas de iniciação à docência (ID), em consonância com a orientação das coordenadoras, supervisoras e a professora regente da sala de aula.

O principal objetivo dessa iniciativa é auxiliar na melhoria da qualidade do ensino nas escolas públicas parceiras do subprojeto, que atualmente contempla quatro escolas da Rede Pública Municipal de Guanambi, e propiciar uma maior aproximação entre a Universidade e as escolas na perspectiva do trabalho colaborativo.

Realizamos a iniciação à docência na turma do 5º período da Educação Infantil, composta por 18 alunos, em um espaço bastante limitado, pois a estrutura da escola passa por uma reconstrução, e por esse motivo ela encontra-se em um prédio residencial adaptado, que não tem uma estrutura adequada para a sala de aula, principalmente para o público infantil que necessita de espaço para movimentar, socializar, brincar, etc, o que interferiu no desenvolvimento das atividades. Nesse sentido, a escola não possibilita a realização de atividades diferenciadas, não possui um pátio amplo para brincadeiras, lazer, recreação, e inclusive não há momentos de intervalo, por essas razões, além de vários outros problemas dificultaram muito à prática pedagógica envolvendo a docência compartilhada.

Os alunos são geralmente de coletivos populares empobrecidos, provenientes de bairros periféricos como o da própria escola, e muitos deles enfrentam diversos problemas sociais, e por esses e outros motivos como à falta de espaço, contribuíram para a agitação e dispersão dos mesmos. Nessa perspectiva, buscamos trabalhar com uma proposta lúdica, interativa, na medida em que o espaço possibilitava.

Perante a isso, faremos algumas discussões sobre a formação da docência, a importância da experiência, a discussão sobre algumas peculiaridades da Educação Infantil, e também é importante salientar, que esse convívio de forma direta com a sala de aula foi fundamental para a construção da identidade docente, bem como à aquisição de aprendizagens sobre a prática educativa, já que a nossa profissão necessita de profissionais competentes, reflexivos e habilitados para lidar com situações diversas na realidade escolar.

2 A Docência Compartilhada no Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas

Para a concretização das atividades, observamos a sala de aula por um determinado tempo, e no mês de julho de 2014, reunimos com as coordenadoras de área e supervisoras para discutirmos acerca do projeto de intervenção pedagógica através da docência compartilhada. Por meio das discussões, ficou evidente que a necessidade maior da escola estava voltada para a leitura, então foi acordado que o projeto para intervir fosse com base na contação de histórias, e também pelo fato de que o espaço atual da escola não possibilitaria outra forma de trabalho a não ser aquele fixo e restrito à sala de aula. E temos a convicção de que o espaço é imprescindível no exercício da docência, o que não tivemos durante o desenvolvimento do projeto e isso interferiu diretamente na prática educativa, pois,

O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são tão perversas que nem se move. O desrespeito a esse espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e a prática pedagógica. (FREIRE, 2011, p.64).

Neste contexto, foi proposto a elaboração de uma avaliação diagnóstica, de modo que pudéssemos avaliar o nível de leitura e escrita dos alunos para em seguida elaborarmos atividades adequadas a cada nível, vale citar aqui que participamos de uma oficina no grupo de estudos acerca da alfabetização e letramento, que no fez refletir sobre a aprendizagem dos princípios básicos do sistema alfabético, e como intervir pedagogicamente nesse processo (LEAL, 2004). E nesse sentido, não podemos esquecer-nos da “importância da sistematização da ação docente, enfocando diretamente os processos de ensino aprendizagem da base alfabética”. (LEAL, 2004, p.1).

A seguir, apresentaremos algumas atividades realizadas no período de iniciação à docência, com duração estimada de 2 horas para cada uma delas.

➤ **A avaliação diagnóstica** foi orientada pelas coordenadoras e supervisoras que sugeriram várias atividades condizentes às diversas fases e níveis de construção da leitura e da escrita. Segundo ROMÃO (2005):

A avaliação da aprendizagem deve ter sempre uma finalidade exclusivamente diagnóstica, ou seja, ela se volta para o levantamento das dificuldades dos discentes, com vistas à correção de rumos, à reformulação de procedimentos didático-pedagógicos, ou até mesmo de objetivos e meta. (p.62).

Por esta razão, a atividade teve como objetivo analisar e diagnosticar o nível de construção da leitura e da escrita dos alunos, e pudemos avaliar se os mesmos sabiam a escrita dos nomes, se reconheciam as letras, como viam a escrita dos objetos, se reconheciam letra final, inicial de uma palavra, as vogais, consoantes, se sabiam contar, distinguir tamanho maior e menor e etc., e para isso trabalhamos com trava-língua, que de certa forma, auxiliou no desenvolvimento da oralidade das crianças.

É necessário ressaltar que para a concretização de todas as atividades, foi fundamental a participação da professora regente, que nos auxiliou no processo de envolvimento e participação dos alunos, no planejamento das atividades e também no próprio desenvolvimento e discussão das análises do nível de leitura e de escrita de cada criança, afinal:

O papel dos professores na transmissão de saberes a seus pares não é exercido apenas no contexto formal das tarefas de animação de grupos. Cotidianamente, os professores partilham seus saberes uns com os outros através do material didático, dos “macetes”, dos modos de fazer, dos modos de organizar a sala de aula e etc. Além disso, eles trocam informações sobre os alunos. Em suma, eles dividem uns com os outros um saber prático sobre sua atuação. (TARDIF, 2010, p.52).

Deste modo, observamos que a maioria se encontrava no nível pré-silábico, inclusive havia um aluno que ainda permanecia na fase das garatujas, afinal era o seu primeiro ano de escola, no entanto, alguns já estavam no silábico com valor sonoro. E por meio desta atividade percebemos a importância da avaliação diagnóstica durante o processo de ensino e aprendizagem em turmas de Educação Infantil.

➤ **Música “pirulito que bate-bate”**, foi uma forma de interligar a atividade de intervenção com o projeto da escola, já que o mesmo tinha como o tema “música”, e esse também é um dos objetivos do PIBID, promover ações que estejam articuladas com o projeto da instituição lócus do subprojeto. Para isso, copiamos na lousa a letra da música e a cantamos com os alunos várias vezes para que esta fosse memorizada. Neste momento, ficou evidente que a maioria dos educandos já conhecia a canção, facilitando assim, a aprendizagem.

Trabalhamos com uma atividade escrita que continha a música, exploramos na lousa a palavra PIRULITO e logo em seguida, pedimos para que circulassem essa palavra na letra da música, contassem a quantidade de vezes que apareceu na mesma, e a partir de uma tabela presente na atividade pedimos que para cada quadrinho colocassem uma letra da palavra PIRULITO, e posteriormente questionamos a quantidade de letras. Outra iniciativa foi colocar

essa palavra na vertical, algo fundamental para facilitar a visão dos estudantes nesta fase de desenvolvimento, e orientamos para pintarem o número que correspondia à quantidade de letras, indagando-os letra inicial, final, e vogais presentes na palavra trabalhada.

Outro aspecto em que tivemos o cuidado de explicar com os alunos, foi trabalhar a percepção do encontro de outras palavras que também iniciavam com a letra P, que vieram acompanhadas pela imagem, para os mesmos associarem a palavra aos objetos, adquirindo assim, uma noção da quantidade de letras das palavras, algo que sabemos que a criança nesta fase tem “a pressuposição de que o tamanho do objeto representado deveria ser considerado na decisão acerca do número de letras a usar”. (LEAL, 2004, p.4).

E para uma maior ênfase no campo da matemática, propomos uma atividade envolvendo conjunto em que os estudantes deveriam contar a quantidade de pirulitos nele e colocar o número representante, uma vez que notamos que estavam com um pouco de dificuldade em grafar os algarismos. O último exercício foi à ilustração da música, que também é uma atividade propícia de aprendizagem e expressão, uma vez que o Referencial Nacional da Educação Infantil sugere como atividade permanente, e também por esta ser uma das atividades favoritas dos alunos, e que, diga-se de passagem, faziam muito bem. Assim, pudemos analisar que muitos não se prenderam à letra da música como proposta na atividade, mas preferiram desenhar outras coisas que gostavam, como pessoas, a natureza, coisas que viam diariamente, enfim, “passando a considerar a hipótese de que o desenho serve para imprimir o que se vê”. (BRASIL, 1998, p.86).

Uma estratégia que usamos para ajudar na concentração dos alunos foi levar pirulitos, na intenção de chamar a atenção por meio do contato direto com o objeto trabalhado na música, e essa aproximação foi bastante propícia para o desenvolvimento da atividade, que favoreceu a aprendizagem da escrita de algumas palavras, pois ao final da proposta de intervenção, chamamos alguns alunos para escreverem o nome pirulito no quadro e a maioria conseguiu escrever, e auxiliou para que o ensino se tornasse significativo para os mesmos, algo fundamental para o processo de ensino e aprendizagem.

➤ **Cineminha com a história SPOT E BUZZ, da edição Amanhecer, da turma da Mig e Meg com Ilustrações de Márcia Macedo d’ Haese e Argumento e programação visual de Aline G. S. Scheffler,** a escolha desta história, foi pensada no sentido de que “a escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil”. (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p.237).

Assim, para auxiliar neste processo de leitura, primeiramente confeccionamos o cineminha, optamos por contar esta história porque percebemos que os alunos gostavam muito de animais, e esta era composta de dois personagens o vaga-lume e um mosquito, e as crianças desta idade têm um maior interesse pelos desenhos e ilustrações. Escolhemos essa técnica porque trabalha principalmente a questão visual, já que um livro de literatura infantil atende esse critério para chamar a atenção dos mesmos, tendo em vista que um livro só com palavras não iria trazer benefício e prazer aos educandos, pois nesta fase ainda há um predomínio da imagem sobre o texto, pois são ainda leitores iniciantes (COELHO, 1997).

Ao chegar à sala de aula, desenhamos os personagens no quadro e escrevemos seus nomes, quando os alunos chegaram, os apresentamos e perguntamos que animais eram, discutimos, trabalhamos as letras do nome, a quantidade, e logo depois contamos a historinha no cineminha.

E trabalhando numa perspectiva lúdica, colocamos o nome dos dois personagens em uma caixa, e os alunos iam pegando, e de acordo com o que retiravam, identificavam qual o nome dos personagens que haviam apanhado, afinal trabalhamos primeiro os nomes no quadro escolar, então solicitamos que eles pintassem a caricatura do personagem que havia pegado, e transformamos em uma máscara com o papel, e colamos no verso um palito sem ponta, (pois é fundamental este cuidado e segurança, principalmente, com o público infantil), a partir daí, brincaram a vontade. E o próximo passo, foi responder a atividade, na qual propusemos que contássemos juntos, quantas pessoas haviam pegado cada personagem separadamente, o que proporcionou a concentração, desejo em participar da aula e vários outros aspectos pertinentes ao desenvolvimento dos estudantes, pois:

Aprender, portanto, é apropriar-se do conhecimento, tomá-lo para si, como algo que passa a fazer parte do próprio ser, o que jamais poderá se reduzir à simples transmissão. Esse aprender, apreendendo, na escola, não acontece no individualismo, na solidão, mas na comunhão e na comunicação; realiza-se pelo desafio, pela instigação ao reconhecimento do próprio processo por ser mais. (SCOLARO, 2010, p.136).

Na história fica bem claro, que os dois personagens são amigos e por isso trabalhamos com esta palavra, através de uma tabela em que pedimos para colocar as letras em cada quadro, para terem uma noção de quantidade. E por último, sugerimos para ilustrarem a amizade dos personagens, e nos surpreendemos quando vimos uma das alunas decalcando as máscaras que havíamos dado a eles, uma atitude bastante avançada no que tange a sua idade. É importante destacar que fotografamos todo o desenrolar desta atividade.

Na próxima aula, expusemos as fotos em um mural, com os desenhos que haviam feito, na qual estava exposta a frase “Mesmo com todas as diferenças somos amigos”, esta foi a moral da história que havíamos discutido no momento da leitura, falando da importância de respeitar os colegas e suas diferenças, que todos temos particularidades e especificidades, mas temos que ser todos amigos, trabalhando sobre a importância da valorização da diversidade racial cultural e etc. Nessa direção o Referencial Nacional Curricular da Educação Infantil defende que um dos objetivos nesta fase é: “identificar e compreender a sua pertinência aos diversos grupos dos quais participam, respeitando suas regras básicas de convívio social e a diversidade que os compõe”. (BRASIL, 1998, p.28).

E para nossa alegria no fim do ano, percebemos que o mural estava em perfeito estado de conservação, pois não rabiscaram e nem rasgaram, e o que nos deixou ainda mais contente foi ver que a cada dia que chegavam à sala de aula contemplavam as fotos, o que de certa forma contribuiu para a construção da identidade e valorização da imagem dos alunos.

Considerações Finais

Mediante a descrição das atividades desenvolvidas, fica evidenciada a importância do PIBID na formação docente, pois estes conhecimentos adquiridos citados ao longo deste relato de experiência, só foram possíveis por meio deste convívio direto com o fazer docente, vivenciando a realidade do cotidiano escolar, algo que é de fundamental importância para a nossa formação. Nesse sentido, Tardif (2010) afirma: “a formação inicial visa habituar os alunos - os futuros professores - à prática profissional dos professores de profissão e a fazer deles práticos “reflexivos””. (p.288).

Assim sendo, este programa por meio do Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas tem auxiliado significativamente a nossa formação inicial, em que estes momentos experienciados na docência, só seriam possíveis com a limitada carga horária vivenciada nos estágios curriculares obrigatórios, ou quando fôssemos atuar futuramente após a conclusão do curso, algo que o PIBID tem conseguido suprir através da iniciação à docência. Por conseguinte fica claro que o conhecimento acerca da ação educativa.

Não se pode doar ou transferir, mas que é criado através da ação, pois seu processo de construção inicia-se na prática, pela percepção da realidade concreta, passa pela abstração, na reflexão, na teorização, num caminhar sempre mais consistente ingênua para a consciência crítica, para, retornando à prática, agir sobre ela. (SCOLARO, 2010, p.33).

Portanto, essa experiência auxiliou-nos no conhecimento sobre a relação entre a teoria e a prática, além de nos instigar a pensar e refletir sobre o fazer docente na Educação Infantil, o que nos trouxe maior aproveitamento e entendimento sobre as complexidades e especificidades da área educacional por meio das convivências com os desafios, e mediante as reflexões e inquietações a respeito das práticas da educação básica.

Referências

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria- análise- didática**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 2011.

LEAL, Telma Ferraz. A aprendizagem dos princípios básicos do sistema alfabético: porque é importante sistematizar o ensino? In: ALBUQUERQUE, Eliana e LEAL, Telma Ferraz. **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SCOLARO, Maria Elvira Nogueira Laranjeira. **Escola, para que te quero? : Marcas da Escola em Adolescentes Privados de Liberdade**. Salvador: EDUNEB, 2010.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL. **Educere et educare**. Revista de educação. UNIOESTE CAMPUS DE CASCAVEL. Vol. 6, nº, p. 235-249, 12 Jul./dez 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11°. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.